

Autorretrato: uma forma de ver e pensar o mundo

Autorretrato: una forma de ver y pensar el mundo

Self-portrait: a way of seeing and thinking about the world

Mariza Missako Sakamoto

Faculdade Mozarteum de São Paulo

ORCID: 0000-0002-9430-1335

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar experiências significativas no ensino de arte com crianças em atividades de ateliê e o relato de minha própria trajetória artística pela temática do autorretrato, constituindo-me como educadora, artista e pesquisadora em estudo contínuo, relacionando o ensino e a aprendizagem em arte, alicerçados pela Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, no campo da educação e da criação artística, ampliando a compreensão sobre a minha produção e o trabalho da criança. Para tanto, realizamos práticas artísticas a partir das diferentes leituras e contextos das imagens geradoras (observação de obra de arte ou do próprio reflexo no espelho), interpretando a si mesma como forma de identificação do “eu”, com resultados relevantes, tanto para as crianças quanto para a educadora, na produção e reflexão de obras permeadas pela leitura de mundo, cujo processo de criação forneceu indícios sobre as possibilidades oferecidas pela arte.

Palavras-chave: Abordagem Triangular, experiência significativa, criação artística, autorretrato.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar experiencias significativas en la enseñanza del arte con niños en actividades de taller y el relato de mi propia trayectoria artística a través del tema del autorretrato, constituyéndome como educador, artista e investigador en continuo estudio, relacionando la enseñanza y el aprendizaje en el arte, basado en el Enfoque Triangular, de Ana Mae Barbosa, en el campo de la educación y la creación artística, ampliando la comprensión de mi producción y el trabajo del niño. Para ello, realizamos prácticas artísticas a partir de las diferentes lecturas y contextos de las imágenes generadoras (observación de la obra de arte o el reflejo en el espejo), interpretándose a sí mismo como una forma de identificación del “yo”, con resultados relevantes, tanto para los niños como para el educador, en la producción y reflexión de obras permeadas por la lectura del mundo, cuyo proceso de creación proporcionó pistas sobre las posibilidades que ofrece el arte.

Palabras clave: Enfoque Triangular, experiencia significativa, creación artística, autorretrato.

ABSTRACT

This article aims to present significant experiences in teaching art with children in studio activities and the report of my own artistic trajectory through the theme of self-portrait, constituting myself as an educator, artist and researcher in continuous study, relating teaching and learning in art, based on the Triangular Approach, by Ana Mae Barbosa, in the field of education and artistic creation, expanding the understanding of my production and the work of the child. To this end, we carry out artistic practices based on the different readings and contexts of the generating images (observation of the work of art or the reflection in the mirror), interpreting itself as a way of identifying the “I”, with relevant results, both for the children and the educator, in the production and reflection of works permeated by reading the world, whose creation process provided clues about the possibilities offered by art..

Keywords: Triangular Approach, meaningful experience, artistic creation, self-portrait.

Introdução

Ensinar e aprender são ações recorrentes em minha vida. A docência em arte possibilita constantes questionamentos e reflexões sobre teorias, metodologias e práticas. O interesse pelo assunto levou-me a pesquisar sobre a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, culminando na dissertação de mestrado *“Arte na Escola: um estudo sobre a leitura e a releitura como possibilidade de criação”*, defendida no curso de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, no ano de 2001. Desde então, minha experiência com a educação vem se transformando, ressignificando o meu trabalho no ensino de arte, seja no campo da educação formal, como a escola, ou mesmo na educação não-formal, como os cursos oferecidos em ambiente de ateliê.

Concomitantemente tenho me dedicado à produção artística contemporânea e constato que a triangulação leitura de imagem, contextualização e fazer artístico estão presentes em mim, tanto no trabalho docente quanto no trabalho artístico.

Neste artigo apresentarei um recorte pontual de minhas experiências significativas no ensino de arte com crianças em atividades de ateliê, com desdobramentos de minha aprendizagem contínua na produção e reflexão de obras artísticas, permeadas pela leitura que faço do mundo, constituindo-me assim, como educadora, pesquisadora e artista visual.

O trabalho educativo com a arte na infância

O momento de criação propicia uma rica experiência para os alunos que a vivenciam. Trabalhei durante dezesseis anos ministrando aulas de arte em escolas de ensino fundamental e ensino médio e desde 2018 venho me dedicando ao ensino artístico no meu próprio ateliê, em São Paulo. É um espaço que atende a criança em módulos de aulas particulares, seja de forma individual ou em pequenos grupos. Cada encontro tem a duração de duas horas semanais, onde atuo como orientadora e mediadora das propostas. Nesse ambiente o aluno é desafiado e encorajado a explorar as possibilidades de criação, experimentando, inventando e modificando as coisas para compreendê-las melhor.

O objetivo é propiciar oportunidade de conhecer e experimentar novos materiais e técnicas, respeitando a liberdade de criação, pois o contato e a vivência com os meios artísticos dão suporte à materialização de ideias e sentimentos. (Sakamoto, 2020)

Com base nos registros diários do processo de criação nas aulas do ateliê, uma das propostas realizadas, que será aqui relatada, chama-se “desenho de autorretrato” e foi desenvolvida no mês de fevereiro de 2019. Trata-se de um estudo de caso com duas alunas: uma menina de 7 anos e a outra com 6 anos e 4 meses de idade. O tema da aula foi o estudo sobre retratos. Mostrei as imagens do livro *“Os Retratos”* (Jeunesse & Delafosse, 2000), onde as pessoas são retratadas de diferentes formas e estilos, detendo-se na reprodução da obra *“O Verão”* (1573) do pintor italiano Giuseppe Arcimboldo (1527-1593), que pintou uma fisionomia humana de perfil, compondo com frutas e

legumes, que despertou a curiosidade das crianças pela forma inusitada de representar o rosto de um homem. Os comentários surgiram espontaneamente:

“- É bem diferente, eu não sabia que dava pra desenhar retrato com frutas e legumes. Eu adoro comer cenoura! Também gosto de pera, banana, uva e laranja.” (Aluna de 7 anos)

“- Nunca tinha visto isso em toda a minha vida! Parece uma pessoa mesmo, de verdade! Eu gostei do quadro e também gosto de comer pera, uva, melancia e maçã.” (Aluna de 6 anos e 4 meses)

A leitura da obra envolve a criança a descobrir detalhes e desperta a sua capacidade crítica, relacionando a imagem observada ao seu cotidiano. Ver as reproduções de obras de arte com a temática “Retratos” pode estimular a criança a pensar sobre as possibilidades de retratar o “eu”. Então um espelho foi oferecido a cada uma delas para observar, com atenção, a sua imagem refletida e perceber detalhes do rosto, cabelo e pescoço. Exploraram diferentes expressões faciais olhando-se no espelho, como sorriso e careta; depois olharam novamente para a reprodução da pintura de Arcimboldo, tentando imitá-lo.

Por fim, sugeri para as crianças desenharem seu autorretrato numa folha de papel canson A-3, que foi aceito com interesse. Olhar-se no espelho e desenhar a si própria dá oportunidade de interpretar a aparência exterior e interior, trazendo a sua identidade, a forma como enxerga e aceita a si mesma. O fazer arte é o momento da prática artística, no trabalho em ateliê, com a possibilidade de transformação das ideias pela interpretação pessoal de cada criança.

A aluna de 7 anos fez o desenho olhando-se no espelho e acrescentou outros elementos para compor o espaço da folha, como o seu cachorro de pano que trouxe para a aula e uma janela com grades e plantas, extraíndo ideias do próprio ambiente (há uma janela e também objetos variados no ateliê, que servem como estímulo e podem ser explorados pela criança) e pintou com tinta acrílica, misturando as cores.

Figuras 1 e 2.

Aluna de 7 anos pintando autorretrato com cachorro (Arquivo pessoal da autora)



Já a aluna de 6 anos e 4 meses olhou-se no espelho por alguns instantes e desenhou a sua imagem no papel, destacando a boca sorridente, embora permanecesse séria e concentrada enquanto traçava a linha de seu rosto. Indagada a respeito, a menina respondeu:

“- *Eu sou alegre e por isso estou sorrindo*”. Desenhou também as suas frutas preferidas e a sua professora, usando caneta hidrocor preta. Depois pintou o desenho da boca com tinta acrílica vermelha, argumentando que gostava de usar batom e acrescentou brincos em cada orelha, embora não estivesse usando esse acessório no momento da aula. Durante a realização da atividade, a menina demonstrou grande concentração e registrou o que mais lhe interessava, atingindo o seu propósito.



Figuras 3 e 4.

Aluna de 6 anos e 4 meses desenhando o autorretrato. Pintura finalizada, com destaque para a boca vermelha (Arquivo pessoal da autora)

O resultado trouxe muita satisfação para as crianças envolvidas no processo de criação, trazendo à tona suas ideias sobre o assunto e explorando modos de concretizar o seu pensamento, pela escolha dos elementos e formas de desenhar e pintar, mostrando características próprias. Sua arte revela o seu mundo imaginário, lúdico por natureza e é importante respeitar esse momento, onde Richter (2004, p. 32) explica que “significa preservar seu modo poético de abarcar o vivido, sua maneira imediata e lúdica de enfrentar o mundo e a si mesmo”. Assim, é o seu modo poético de expressar o seu ser e estar no mundo, o seu jeito de mostrar o “eu” mais autêntico.

Ao término da aula, os trabalhos concluídos foram expostos na parede da sala e apresentado às mães, que apreciaram com atenção as pinturas de suas filhas. As meninas demonstraram seu orgulho e alegria em compartilhar a criação com outras pessoas. O sentimento de satisfação pela valorização é notório nas crianças.

Apesar de partir do mesmo tema e apresentar a mesma imagem, a leitura feita por cada aluna foi bastante singular, pois cada uma percebeu o mundo à sua maneira e o interpretou a partir de sua experiência, com diferentes situações e lugares, sendo reconhecidos, apropriados e transformados pela imaginação infantil. Isso demonstra que cada indivíduo é único em sua criação.

O universo da arte pode ser entendido pela dimensão do fazer e do pensar, considerando-se os diferentes contextos para a conscientização do indivíduo em uma sociedade. Dessa forma, a Abordagem Triangular torna-se essencial para a compreensão da arte e da própria vida, como sujeitos ativos, flexíveis e criativos, capazes de promover transformações. Segundo Machado (2010), a Abordagem Triangular tem essa característica: ela apresenta a possibilidade de inter-relação dos campos de conhecimento, num amplo cenário onde o ensino e a aprendizagem podem ocorrer, mas não estabelece o que fazer nem indica como fazer. Então precisamos observar os trabalhos das crianças, considerando as possibilidades existentes e estabelecer relações entre os exercícios de aprender fazendo, lendo e contextualizando arte.

Assim, o meu olhar atento sobre a produção infantil define os passos do planejamento do curso de arte para crianças e ao mesmo tempo reverbera em minha própria experiência com a arte, onde vivencio a dinâmica da criação em meus trabalhos e descubro a cada dia novas possibilidades artísticas, que apresentarei a seguir.

Ver, pensar e fazer arte: um exercício constante

Paralelamente às aulas ministradas para as crianças, o ateliê também é um espaço onde desenvolvo minhas criações artísticas, a partir de pesquisas com as técnicas, os materiais, as imagens da arte, os objetos do cotidiano, além de leituras para aprimorar o conhecimento. O estudo e a experimentação enriquecem o pensamento, nutrindo-me com ideias que estimulam a produção de novos trabalhos.

Considero a vida uma grande aventura, com muitos desafios pelo caminho, cheia de surpresas e imprevistos. Assim como a arte, a vida nos revela as mazelas, rupturas e incertezas de um mundo em constante mudança. O ano de 2020 foi marcado pela pandemia de COVID-19, onde o isolamento e distanciamento social e o medo da morte provocou insegurança geral, estabelecendo um profundo impacto nos modos de ver, pensar e agir na sociedade.

No ano de 2021 vislumbramos a esperança por meio da imunização pela vacina e apesar da lentidão durante a campanha de vacinação no país, a confiança gradativamente retornou em cada um de nós. Nesse período percebemos a mudança de hábito nas pessoas, com maior cautela e atenção quanto à higienização pessoal, evitando aglomerações. Com as modalidades de ensino à distância, ensino remoto e híbrido, aprendemos a nos comunicar mais via internet e, apesar das dificuldades, os novos recursos foram incorporados e agregados em nosso cotidiano, seja no trabalho, no estudo e também no lazer, alterando a nossa percepção sobre o mundo em que vivemos.

Então, nesse cenário, em outubro de 2021, aconteceu o “II Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação”, com a temática “Reconexões da Abordagem Triangular no ensino das Artes”, promovido pela Universidade Federal de Goiás, sob coordenação da professora Dra. Fernanda Pereira da Cunha e participei da oficina online “Desenho de dentro para fora: proposições artístico-educacionais para práticas colaborativas de modelo vivo”, sob orientação da professora Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli e Lídia Cesaro Penha Ganhito, que primeiramente apresentaram os princípios fundamentais para a realização de uma oficina colaborativa de modelo vivo e depois realizamos em conjunto alguns exercícios adaptados para o ambiente virtual.

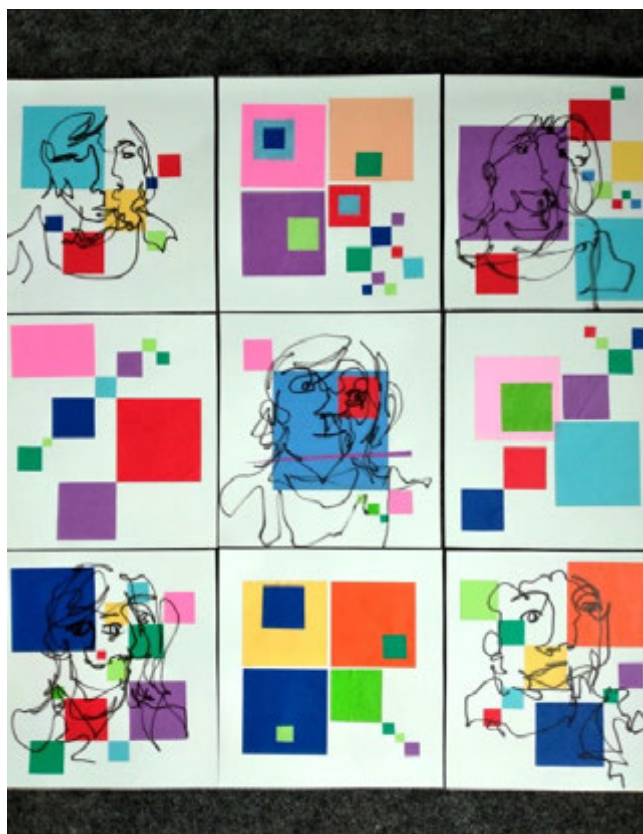
Fizemos os retratos dos participantes, que previamente selecionamos e ao término da proposta seguiu-se uma roda de conversa, onde compartilhamos o resultado dos trabalhos e os relatos sobre a experiência de posar, observar e representar o outro e a si próprio. Essa prática permitiu a desconstrução da ideia de beleza ideal, ressignificando as nossas relações com o corpo e a produção artística, tornando-se uma importante ferramenta de investigação do mundo a partir do desenho.



Figura 5. Exercícios realizados durante a oficina online: desenhos a partir de minha observação dos participantes presentes (Arquivo pessoal da autora)

Essa vivência foi muito significativa e pensei em várias possibilidades com a imagem. Algumas semanas depois da oficina, retomei a ideia e desenhei alguns autorretratos em traços contínuos, introduzindo as cores por meio da colagem de papeis, resultando nas criações em módulos para montagem livre, uma obra feita em nove partes: cinco módulos com versões de autorretratos em cada um, com desenhos sobre colagens de papeis coloridos, compondo o espaço da folha e mais quatro módulos feitos com colagens em composições geométricas, que combinam entre si, formando um painel artístico intitulado “Autorretratos” (2021).

São as diversas leituras e interpretações que faço de mim, a maneira como me vejo e como me sinto, em traços rápidos e espontâneos, sobre uma colagem de papeis coloridos previamente compostos, que se relacionam com a linha do meu desenho, tornando o trabalho mais dinâmico. O atual contexto da pandemia de COVID-19 que vivemos me isolou do mundo lá fora por algum tempo e a comunicação virtual possibilitou muitas reflexões e a consciência crítica trouxe novos questionamentos e



Figuras 6 e 7. Desenhos de autorretratos em traços contínuos. Obra finalizada no formato de um painel (Arquivo pessoal da autora)

inquietações sobre como fazer e pensar arte. A ideia de união das partes para formar o todo me levou a criar os nove módulos, da fragmentação à totalidade, na tentativa de unificação do ser humano, recompondo assim, a minha identidade em tempos de pandemia.

Vida e arte como um gesto inacabado: considerações finais

Meu trabalho com a arte reflete o contexto em que vivemos. Somos influenciados pelo meio ambiente e o interpretamos a partir de nossas experiências pessoais e expectativas diante do mundo que se renova a cada dia. Realizamos diferentes leituras em diferentes momentos da vida e o nosso olhar se amplia à medida que somos desafiados a pensar.

O registro do processo de criação no ateliê me permite rever as atividades vivenciadas pelas alunas e por mim. São como pegadas que fornecem pistas e informações para relacionar o ensino e a aprendizagem pela arte, alicerçados pela Abordagem Triangular, no âmbito da educação e da criação artística.

O educador artista pode se perceber em aprendizagem contínua, exercitando-se constantemente, produzindo,

lendo formas artísticas e analisando os diversos contextos da arte. É a “experiência viva, feita do exercício da curiosidade, da percepção, da flexibilidade, da imaginação e da reflexão que animam a aprendizagem da arte.” (Machado, 2010, p.73)

Então, ser educadora e artista me permitem vivenciar o caos criativo durante a elaboração da obra e amplia o meu modo de ver e interpretar o cotidiano, de maneira mais flexível e aberta às possibilidades oferecidas pela arte. Esse processo “envolve seleções, apropriações e combinações, gerando transformações e traduções.” (Salles, 2007, p.27)

A realização de uma obra de arte não é linear e sim, construída a partir de uma trama complexa que se inter-relacionam. A imagem geradora, seja a partir da observação de uma obra de arte ou do próprio reflexo no espelho, serve como estímulo que definirá o percurso para o surgimento de uma nova obra, pelo olhar sensível ao mundo a nosso redor. Assim, o aprendizado decorrente é muito significativo, provocando mudanças em minha postura enquanto artista visual e arte/educadora, transformando o olhar e ampliando a compreensão sobre a minha produção e o trabalho da criança.

Referências bibliográficas

Jeunesse, G. & Delafosse, C. (2000). *Os Retratos*. São Paulo, SP: Melhoramentos.

Machado, R. S. (2010). Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da Abordagem Triangular. In: Barbosa, A. M. & Cunha, F. P. (Orgs.), *Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. (pp. 64-79). São Paulo, SP: Cortez.

Richter, S. R. S. (2004). *Criança e pintura: ação e paixão do conhecer*. Porto Alegre, RS: Mediação.

Sakamoto, M. M. (2020). Arte, educação e infância: reflexões sobre a criação visual na contemporaneidade. *Revista Tema*, 35(97), 40-56.

Salles, C. A. (2007). *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo, SP: Annablume.



"Beija-Flor"
Yolanda Carvalho